

DOSSIÊ: LITERTURA E
IMPrensa



Fernando Pessoa e José Pacheco: entre uma polémica e uma carta sem resposta

Jeronimo Pizarro

Universidad de los Andes, Bogotá / Colômbia

j.pizarro188@uniandes.edu.co

<http://orcid.org/0000-0002-9688-9830>

Resumo: Enquadrado no centenário da *Contemporânea*, este contributo apresenta e dá a conhecer uma longa carta não enviada de Fernando Pessoa para José Pacheco, director da revista. A carta surgiu depois de uma polémica que envolveu o livro de António Botto, *Canções*, e da qual a revista não se manteve à margem.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; José Pacheco; *Contemporânea*; correspondência; António Botto; *Canções*.

Abstract: As part of the centenary of *Contemporânea*, this contribution presents and makes known a long unsent letter from Fernando Pessoa to José Pacheco, director of the magazine. The letter arose after a controversy involving António Botto's book, *Canções*, and from which the magazine did not remain on the sidelines.

Keywords: Fernando Pessoa; José Pacheco; *Contemporânea*; correspondence; António Botto; *Canções*.

Este ano, 2022, foi o ano de múltiplas celebrações do centenário da Semana de Arte Moderna e da publicação de obras fundamentais da poesia e da narrativa modernistas (*The Waste Land*, de T. S. Eliot; *Jacob's Room*, de Virginia Woolf; *Ulysses*, de James Joyce; *Duineser Elegien*, de Rainer Maria Rilke, entre outras). Em Portugal também foram celebrados dois acontecimentos editoriais. Por um lado, a publicação da revista *Contemporânea* (2.^a série, após o número *specimen* de 1915); por outro, o surgimento da Olisipo, empresa criada por Fernando Pessoa,

que, no âmbito de ambiciosos planos editoriais, publicou a 2.^a edição das *Canções*, de António Botto, livro que, nas páginas de *Contemporânea*, gerou uma violenta polémica em torno da designada “Literatura de Sodoma”. Nessa polémica participaram Raul Leal e Fernando Pessoa e hoje existe copioso e relevante material para visitar a mesma, do qual destaco o artigo de José Barreto, “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923” (2012), no qual se reproduzem quatro panfletos que Pessoa e Leal escreveram em 1923, na sua polémica com a Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa, e o livro de Zetho Cunha Gonçalves, *Notícia do Maior Escândalo Erótico-Social do Século XX em Portugal* (2014), que reúne textos de Fernando Pessoa, António Botto, Álvaro de Campos, Raul Leal, Pedro Teófilo Pereira, Júlio Dantas e Marcello Caetano sobre o escândalo provocado pela publicação de obras de António Botto, Raul Leal e Judith Teixeira.

Ora, um documento que falta integrar no dossier de documentos referentes à polémica referida e, nomeadamente, ao estudo da relação de Fernando Pessoa com a revista *Contemporânea*, e, em particular, com o seu director, José Pacheco, é o rascunho de uma carta nunca enviada, manuscrita sob o *incipit* “Não tem resposta...”, que Pessoa preparou para se insurgir contra algumas atitudes e decisões de Pacheco, as quais terão condicionado a colaboração do autor de “O Banqueiro Anarquista” (1922) com a *Contemporânea*, revista para a qual já tinha escrito, em 1915, um “Programa”. Lembro este texto, hoje disponível na página da Hemeroteca Municipal de Lisboa, através da Hemeroteca Digital, porque foi a publicação de duas listas de projectos de Fernando Pessoa (cotas: [48G-29^r] e [144X-48^v]), no volume X da Edição Crítica da INCM, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009), que levou a atribuir a Pessoa a autoria, ou coautoria, do “Programa”, embora este não estivesse assinado. Lembro o primeiro, dos dois projectos:

- Orpheu 1 = O Marinheiro. (Opiario e Ode Triumphant).*
- Orpheu 2 = Chuva Obliqua. (Ode Marítima).*
- Eh Real! = O Preconceito da Ordem, e os 2 últimos sueltos.*
- Exílio = Hora Absurda e Movimento Sensacionista.*
- Centauro = Passos da Cruz.*
- Terra Nossa, nº 3 = A Ceifeira (menos 1 quadra).*
- O Heraldo (Faro), 1.7.1917. = A Casa Branca Nau Preta.*
- Theatro, nº 1 = Naufragio de Bartholomeu.*
- Theatro, nº 2 = Cousas estylisticas, etc.*

Theatro, nº 3 = 3.

A Renascença = *Impressões do Crepusculo*.

Contemporanea = (Programma).

O Raio, nº 12 = *Chronicas Decorativas*, I.

A Ideia Nacional, Anno 2, nº 20 (13 Abril 1916) = (pag. 4 (uma opinião).)

Portugal Futurista = *Episodios*. (*Ultimatum* de A[lvaro] de C[ampos]).

Pessoa acompanhou a revista *Contemporânea* desde o primeiro alvor e conheceu José Pacheco (1885-1934), o arquitecto “Pacheko”, em 1913, antes do nascimento da revista *Orpheu* (1915). Daí que em 1922 fosse já um companheiro de viagem de longa data. Pacheco fez a capa do livro *Dispersão*, de Mário de Sá-Carneiro, e participou na formação do que hoje se conhece como o primeiro modernismo português. Em 1916 fez parte da “Corporation Nouvelle”, um grupo constituído por Robert e Sonia Delaunay, Amadeo de Souza-Cardoso, José de Almada Negreiros e Eduardo Viana; e em 1919 colaborou na promoção de uma Sociedade Portuguesa de Arte Moderna, numa de várias tentativas não bem sucedidas por modernizar a Sociedade Nacional de Belas-Artes. Daí que Pessoa considerasse Pacheco um artista com o qual podia partilhar determinados ideais estéticos.

E partilhavam muitos. Mas Pacheco admitiu a publicação de um artigo do escritor católico Álvaro Maia, “Literatura de Sodoma”, publicado na *Contemporânea*, nº 4 (Outubro de 1922), artigo que era uma resposta a um artigo de Pessoa, “António Botto e o ideal estético em Portugal”, no número anterior (Julho de 1922), e o texto de Maia irritou Pessoa, que se sentiu traído no seio de uma revista amiga. Como alertou José Barreto, em 2012, no espólio pessoano encontram-se “rascunhos de respostas de Fernando Pessoa tanto a Álvaro de Campos como a Álvaro Maia, sob a forma de longas cartas a José Pacheco, que parece não ter completado”; mas enquanto a resposta inacabada de Pessoa a Campos “foi publicada por Teresa Sobral Cunha (1988: 73-81 [‘Pessoa responde a Campos: segunda carta a José Pacheco’, *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, vol. 3, nº 3, Setembro-Dezembro])”, a carta de Pessoa a Pacheco “em que [Pessoa] aborda o artigo de Álvaro Maia” estava inédita (BARRETO, 2012, p. 241). Esta carta, publicada de forma deficiente numa edição digital de textos de Fernando Pessoa (<https://modernismo>).

pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa), com copyright de 2022, é aqui dada a conhecer com novas leituras e algumas mínimas notas contextuais.

Consideramos necessário singularizar esta carta, porque se trata de um documento fulcral para o estudo da relação de Pessoa com a *Contemporânea*, revista na qual o escritor português publicou muitos textos (antes e depois do artigo de Maia), mas também para aprofundar a discussão de uma série de questões porventura infundáveis: Devemos estudar os textos que Pessoa publicou em certas revistas, mas também considerar os que acabou por não publicar ou enviar (veja-se, a este respeito, uma passagem da carta transcrita a seguir: “Tencionava dar-lhe para a *Contemporânea*, em seguida ao artigo sobre Antonio Botto, um ou outro artigo da mesma espécie, [...] sobre o mestre Camillo Pessanha. Abstenho-me.”)? Devemos estudar os textos que Pessoa deu a algumas publicações periódicas, mas também considerar a índole desses textos (no sentido em que Pessoa não deixou de colaborar com a *Contemporânea*, mas já não voltou a colaborar da mesma maneira depois do n.º 4)? Devemos estudar os textos publicados em vida de Fernando Pessoa, mas também considerar os que podiam ter sido publicados (reunindo, por exemplo, como o fez José Barreto [2021], as respostas a inquéritos literários publicados e não publicados)? Devemos estudar os textos que Pessoa publicou, mas também considerar os que não publicou, mas que dialogam e iluminam os primeiros (como no caso da carta seguinte)? Estas perguntas podem ser retóricas, porque talvez exijam uma resposta afirmativa, mas essa afirmação é precisa para poder não apenas quantificar as colaborações de Pessoa ao longo da sua vida em diversos jornais e revistas, mas também analisar essas colaborações. Para além disso, materiais epistolares como o seguinte fazem pensar que é necessário, no caso do epistolário pessoano, e não só, destrinçar as cartas enviadas das não enviadas, mas incluindo ambas tipologias, até porque as cartas não enviadas podem ser mais interessantes do que as enviadas...

Leia-se a carta seguinte com este contexto e estas considerações em mente. Nela, Pessoa confronta, no papel, o “antigo camarada”, acusando-o de se adaptar ao “meio académico e oficial”. Não sabemos, e nada dizem as biografias a este respeito, sobre as pessoas, os motivos ou as circunstâncias que evitaram uma ruptura definitiva de Pessoa com a *Contemporânea*, como a que acontecera, na década anterior, com *A Águia*. Mas é possível conjecturar um diálogo, que hoje teríamos que romancear, entre Pessoa e Pacheco, no qual este último tivesse pedido

desculpas ao primeiro e ainda obtido que este não interrompesse a sua colaboração com a revista. Seja para reconstruir uma época – não isenta de polémicas, como a d’Os Novos contra a Sociedade Nacional de Belas Artes, em 1921 –, seja para imaginar um diálogo que tenha substituído uma troca epistolar, ou evitado uma carta aberta, o documento ora transcrito convida a expandir o que já se escreveu sobre 1922, sobre Pessoa e Pacheco, sobre Pessoa e Botto, e não só.

Nota editorial

Registam-se as variações de cada texto a partir dos originais do espólio de Fernando Pessoa (Biblioteca Nacional de Portugal/Espólio n.º 3; BNP/E3). Podem ocorrer os símbolos seguintes, também utilizados na edição crítica das obras do autor (INCM, Tinta-da-china):

□	espaço deixado em branco pelo autor
*	leitura conjecturada
†	palavra ilegível
◇	segmento autógrafo riscado
◇∧	substituição por superposição
◇[↑]	substituição por riscado e acréscimo
[↑]	acréscimo na entrelinha superior
[↓]	acréscimo na entrelinha inferior
[→]	acréscimo na margem direita
[←]	acréscimo na margem esquerda

Nas notas, as palavras do editor figuram em tipo itálico.

[Carta de Fernando Pessoa para José Pacheco] [1922]

[BNP/E3, 14¹, 61 a 80]

“Não tem resposta...”

Cuidei eu, meu querido José Pacheco, que podia quebrar impunemente, pelo menos nas páginas da *Contemporanea*, a tradição crítica nacional. Essa tradição é a da inveja, quanto aos sentimentos, e da má-creação, quanto á expressão d’elles. Applica-se com largueza, porém com mais estriccta referencia torna seus objectos os que, nossos pares em idade

e¹ nossos semelhantes no officio artistico, podem ser nossos concorrentes (proximos) á immortalidade mortal dos cabeçalhos jornalisticos.

Poucos, se alguns, teem falhado a esta tradição arraigada². Nunca tirou pé d'ella Camillo. Eça cortejou-a sempre. Fialho viveu d'ella. São excepções³ a reciprocidade commercial do elogio mutuo, e os que, por consagração excessiva, não fica bem pôr em questão. Ainda assim, ha restricções naturaes [62^r] a estas excepções generosas. O elogio mutuo cessa quando deixa de ser exactamente mutuo – no grau como na qualidade. Aos que aqui consagram é de uso atacar quando morrem. É o grande signal⁴ de independencia⁵ – o único – que exorna⁶ a critica portugueza: o desprezo scientifico (a unica manifestação scientifica entre nós)⁷ por⁸ o *de mortuis nil nisi bonum*⁹ da sentimentalidade clássica.¹⁰

Fiz mal em querer ser differente, não só pela presumpção que isso revela, senão tambem pela inadaptação ao meio, e portanto a degenerescencia, que representa.¹¹

Sendo da mesma geração que Antonio Botto, trabalhando, como elle, também em verso, não tendo¹² assegurado que elle fizesse de mim um elogio publico e compensador, o meu dever nacional – patriotico, quando era, sendo eu inhabil porém bom portuguez, de o insultar em linguagem escripta, ou, sendo igualmente lusitano porém mais habil¹³, de collocar¹⁴ sobre elle todo o peso que houvesse¹⁵ no meu silencio.

¹ ou [↑ e] *variantes alternativas*.

² arraigada] *em modernismo.pt*: “|*arrispida|”.

³ excepções] *em modernismo.pt*: “concepções”.

⁴ signal] *em modernismo.pt*: “requinte”.

⁵ <um signal de independencia> o grande signal de independencia

⁶ exorna] *em modernismo.pt*: “ecoava”.

⁷ o desprezo scientifico [↓ (a unica manifestação scientifica entre nós)]

⁸ <pelo> [↑ por]

⁹ *de mortuis nil nisi bonum*] *em modernismo.pt*: “de manter vil riso é coisa”.

¹⁰ *A frase latina do trecho é de mortuis nil nisi bonum (“dos mortos [não digas] nada senão bem”)*. Devo e agradeço a indicação a José Barreto.

¹¹ *Segue, manuscrito, o símbolo de parágrafo: §.*

¹² não <havendo> tendo

¹³ sendo <mais habil> igualmente lusitano porém mais habil

¹⁴ collocar] *em modernismo.pt* “colaborar”.

¹⁵ houvesse] *em modernismo.pt* “houver”.

[63^r] Aconteceu-me, porém, no assumpto uma d'aquellas fatalidades que ordinariamente succedem aos espiritos morbidamente logicos, e incompetente, pela escassez dynamica¹⁶ de elementos instinctivos¹⁷, para uma adaptação perfeita ao meio em que viveu. Como achei digno de apreço¹⁸, excuso de dizer artisticamente – de que outra maneira haveria de ser? – o livro *Canções*, e me parecesse que havia a tendencia injusta para ter esse livro por menos¹⁹ artisticamente singelo do que é²⁰, achei que me cumpria elogial-o, visto que o elogio é ainda – em qualquer tradição humana desconhecida em Lisboa – a forma natural de manifestar o apreço. Errei. Aqui, neste meio artistico que nos cerca, o modo de manifestar o apreço é negar o valor, e a forma usual de dizer bem de alguém, que sentimos que o merece, é calarmo-nos a seu respeito. Não será logico²¹, porém é nacional, e de sobra nos ensinaram os tradicionalistas que ha verdades nacionaes diversas das verdades universaes. Esta é porventura uma d'ellas.

[64^r] Sou pouco instinctivo, e portanto intuitivo²²; é o vicio necessario do temperamento do racionador. As faculdades de atenção e de vontade, as²³ do juizo e da intelligencia abstracta, no homem normal²⁴ submissas²⁵ ao impulso dos instinctos e servindo²⁶ apenas de esclarecedoras d'elle e suas orientadoras e auxiliares²⁷, assumem, nos temperamentos como o meu, um poder temperamental e tyrannico²⁸. Nós, os racionadores-natos, querendo provar tudo, não convencemos ninguem²⁹, porque, sob a pressão morbida do cerebro anterior³⁰ demasiadamente activo,

¹⁶ pela escassez [↑ dynamica]

¹⁷ inconscientes [↑ instinctivos] *variantes alternativas*.

¹⁸ louvor [↑ apreço] *variantes alternativas*.

¹⁹ menos] *em modernismo.pt* “menor”.

²⁰ <†> [↑ singelo] do que é] *em modernismo.pt*: “singular que é”.

²¹ Não será <_> logico

²² Sou pouco <instintivo, ou intuitivo> instintivo, e portanto intuitivo

²³ as] *em modernismo.pt* “a”.

²⁴ normalmente [↑ no homem normal] *variantes alternativas*.

²⁵ submissas] *em modernismo.pt* “silenciosas”.

²⁶ servindo] *em modernismo.pt* “sendo”.

²⁷ <*escal> esclarecedoras d'elle <orientad> e suas orientadoras e auxiliares

²⁸ tyrannico e temperamental] *com um traço indicando troca de posição*.

²⁹ <por> não convencemos ninguem

³⁰ cerebro antes] *em modernismo.pt*

ignoramos esse³¹ instinto de convencer (localizado, percebo, em regiões menos nobres do cérebro)³² por processos que³³ a convicção se leva às almas, não³⁴ pelo raciocínio, quanto á operação do espirito³⁵, e pela prova, quanto ao resultado³⁶ d'ella, senão pela fé cega e³⁷ absurda, á disposição³⁸ impulsora e pela afirmação dogmatica e repetida quanto á manifestação d'ella.³⁹

Assim, tendo já offendido⁴⁰ as susceptibilidades⁴¹ dos meus concidadãos com o elogio de um poeta pouco mais novo que eu, a quem eu cumpria portanto que me esforçasse⁴² por deprimir e envilecer⁴³, accrescentei⁴⁴ a esse crime [65^r] degenerativo, o logico⁴⁵ de ser logico, a viciosa □ de pretender convencer pela prosa e provar pela demonstração.

Não me desculpo, não me defendo. Confesso⁴⁶ o meu erro, e se⁴⁷ tão longamente insisto nelle, e fallo de mim, é que⁴⁸ para confessar-me⁴⁹ tenho que explicar-me, e para explicar-me não posso deixar-me inteiramente fóra⁵⁰ de explicação.

³¹ perdemos o [↓ ignoramos esse] *variantes alternativas*.

³² [↓ localizado, percebo, em regiões menos nobres do cérebro] *acrescento em letra mais pequena; os parênteses são editoriais. Em modernismo.pt: “localizado, percebo, em regiões menos nobres do cérebro”*.

³³ analisando, por certo, em razões menos nobres do cérebro por processos que] *em modernismo.pt*

³⁴ não] *em modernismo.pt: “isso”*.

³⁵ operação <mental> do espirito

³⁶ ao resultado] *em modernismo.pt: “aos resultados”*.

³⁷ cega e] *com hesitação*.

³⁸ quanto <†>/á\ [↑ disposição]

³⁹ quanto á (sua) manifestação (d'ella).] *com duas alternativas*.

⁴⁰ <já> [↑ já] offendido

⁴¹ <*por> as susceptibilidades

⁴² a quem eu “devia”<esforçar-me> [↑ <eu> cumpria portanto que me esforçasse] *em modernismo.pt: “é pior ou devia cumprir portanto que me esforçasse”*.

⁴³ envilecer] *com hesitação*.

⁴⁴ <sobrepuz> accrescentei

⁴⁵ o <crime> logico

⁴⁶ Confesso] *em modernismo.pt: “Conforme”*.

⁴⁷ se] *em modernismo.pt: “tal”*.

⁴⁸ e que] *no manuscrito*.

⁴⁹ <defender>[↑confessar]-me

⁵⁰ inteiramente fóra] *em modernismo.pt “anteriormente falho”*.

Não falta, nem sequer tarda, a manifestação, bem clara, bem nacional, normalmente anti-lógica⁵¹, da reprovação pública da⁵² minha insolita attitude. Tendo errado, e tendo, como vício de raciocinador, a tender para preferir confessar os erros a persistir⁵³ teimosamente nelles⁵⁴, quero⁵⁵ deixar expresso o meu agradecimento, tanto ao meu⁵⁶ amigo Alvaro Maia⁵⁷, que se promoveu a voz do público indignado, como a v.⁵⁸, meu querido José Pacheco, que, para desagravo⁵⁹ da opinião geral offendida convidou para as páginas⁶⁰ da sua revista o artigo em que, se é certo que eu sou⁶¹ contraditado sem lógica⁶², e o artista sobre quem escrevi⁶³ agravado⁶⁴ soezmente⁶⁵ sem culpa, o resultado público⁶⁶ é comtudo desagravo⁶⁷ do insulto, escripto do qual, publicando o meu estudo, v.⁶⁸, até certo ponto, se tornou responsável.

[66']

*

⁵¹ [↑ normalmente] anti-lógica, bem nacional] *com um traço indicando troca de posição; em modernismo.pt um “bem” foi lido como sendo um “Como”, com “c” maiúsculo (cf. “Como normalmente...”)*.

⁵² á [↑ da] *variantes alternativas*.

⁵³ os erros <de> a persistir

⁵⁴ <nelles> teimosamente nelles

⁵⁵ <não> quero

⁵⁶ meu] *em modernismo.pt: “querido”*.

⁵⁷ *O texto de Álvaro Maia. “Literatura de Sodoma – O sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal”, pode ser consultado no livro organizado por Zetho Cunha Gonçalves, Notícia do Maior Escândalo Erótico-Social do Século XX em Portugal, assim como na página da Hemeroteca Digital.*

⁵⁸ como a v.] *em modernismo.pt: “como você”*.

⁵⁹ desagravo] *em modernismo.pt: “desagrado”*.

⁶⁰ <admitiu *nas *suas> [↑ convidou <nas> para as páginas] *em modernismo.pt: |absolutamente| convidou para as páginas*

⁶¹ que [↑ eu] sou

⁶² contraditado sem lógica] *em modernismo.pt: “contestado na lógica”*.

⁶³ escrevi] *em modernismo.pt: “escrevia”*.

⁶⁴ agravado] *em modernismo.pt: “agradecendo”*.

⁶⁵ pessoalmente [↑ soezmente] *variantes alternativas; em modernismo.pt: |pessoalmente| /*sobejamente|*

⁶⁶ <††> o resultado público

⁶⁷ desagravo] *em modernismo.pt: “desagrado”*.

⁶⁸ v.] *em modernismo.pt: “e”*.

Não creia, meu querido José Pacheco, que é por mero cortejo ou esteril galanteio litterario, que assim o incluo, com Alvaro Maia, no meu agradecimento. Esse agradecimento é-lhe realmente⁶⁹ devido. Nem, quando digo⁷⁰ que convidou para as suas paginas o artigo em que Alvaro Maia respondeu a um *Manual Practico de Pederastia*⁷¹ que eu não me recordo de ter escripto, nem no futuro, eu me permita⁷² escrever ironicamente ou attribuir-lhe qualquer boa-intenção que presumivelmente v. não tivesse⁷³ tido.

Propriamente fallando, e pelas razões que vou⁷⁴ dizer-lhe, o artigo de Alvaro Maia é uma especie de collaboração entre elle e v. Elle escrevendo-o, e v. publicando-o, collaboraram. Mas do mesmo modo – disse v. modestamente – collabora v. com todos quantos escrevem na *Contemporanea*. Não é justo para comigo se pensar assim. O caso do artigo de Alvaro Maia não é o de uma collaboração vulgar, e vou provar-lhe (v. e o publico que m’o perdoem⁷⁵!) que o não é⁷⁶.

[67^r]

As opiniões expressas em um artigo assignado não são da responsabilidade da direcção da revista⁷⁷ ou jornal que as insere; é-o tão-sómente a inserção, a presença do artigo⁷⁸. Ora uma⁷⁹ publicação, periodica ou outra, tem forçosamente uma orientação qualquer, de certo modo definida. Com essa orientação tem o artigo inserto, assignado que seja, que convir. Quando patentemente⁸⁰ não convenha⁸¹, haverá a culpar⁸²,

⁶⁹ <deveras> [↑ realmente]

⁷⁰ digo] em *modernismo.pt*: “diz”.

⁷¹ *Manual Practico de Pederastia*] em *modernismo.pt*: “uma [Moral Poética de Pederasta]”.

⁷² permita] em *modernismo.pt*: “permitia”.

⁷³ tenha [↓ tivesse] *variantes alternativas*.

⁷⁴ posso [↑ vou] *variantes alternativas*; a segunda não foi registada em *modernismo.pt*.

⁷⁵ desculpem [↑ m’o perdoem] *variantes alternativas*; a segunda não foi bem lida em *modernismo.pt*.

⁷⁶ que o não é] em *modernismo.pt*: “que não é”.

⁷⁷ <de uma> [↑ da] revista

⁷⁸ o tom [↓ a inserção, a presença do] artigo

⁷⁹ qualquer [↑ uma] *variantes alternativas*.

⁸⁰ assignado que seja, que convir. Quando patentemente] em *modernismo.pt*: “assegurado /patentemente\”.

⁸¹ Quando [↑ patentemente] não convenha

⁸² haverá <responsabilidade das idéas d’elle será em verdade do seu author; o da sua inserção> a culpar

ou a louvar⁸³, só das suas idéas o seu autor, da sua orientação, porcerto, o director⁸⁴ da publicação em que appareceu. Se alguém publicasse na *Epocha*⁸⁵ um artigo vulgarmente cortez para com um protestante ou um racionalista⁸⁶, com razão culpariam as leitoras⁸⁷ d'aquelle jornal, de certo modo o seu author, certamente o snr conselheiro F^{do} de Souza⁸⁸, aliás⁸⁹ incapaz do aggravo, que é puro exemplo hypothetico⁹⁰. Se⁹¹ nas columnas⁹² da *Batalha*⁹³ surgisse inesperadamente um escripto combatendo o uso quotidiano⁹⁴ dos explosivos como argumento sociologico, o operariado consciente que orientou⁹⁵ o seu espirito philosophico⁹⁶ pelas lições d'aquelle manual de pseudo-futuro, protestaria decerto, não tanto [68^r] contra o author do artigo⁹⁷, quanto⁹⁸ mais vibrantemente, contra o director do periódico – que não sei quem seja, mas que servindo-me⁹⁹ o caso e o jornal de simples hypothese para exemplo, supponho¹⁰⁰ incapaz de faltar assim aos seus princípios humanitarios.

É a *Contemporanea* uma revista de arte e de litteratura, e ninguem mais do que eu, meu querido José Pacheco, tem sido assiduo nos louvores

⁸³ a culpar , ou a louvar] *em modernismo.pt*: “a culpa, se a houver”.

⁸⁴ diretor *ou* secretario

⁸⁵ Epocha] *palavra sublinhada; não lida em modernismo.pt*.

⁸⁶ judeu [↑ racionalista] *variantes alternativas*.

⁸⁷ os leitores [↑ as leitoras] *variantes alternativas*.

⁸⁸ o snr conselheiro Fdo de Souza] *em modernismo.pt*: “se seu conselho ††”.

⁸⁹ aliás] *em modernismo.pt*: “alguém”.

⁹⁰ *Refere-se ao conselheiro Fernando de Sousa (ou “José F. de S.”), director da do jornal católico-monárquico A Época. José Barreto escreveu a sua biografia para o Dicionário de História de Portugal e cita-o várias vezes no livro Associações Secretas e em outros trabalhos.*

⁹¹ é puro exemplo hypothetico. <sem sent> Se

⁹² nas columnas] *em modernismo.pt*: “nos volumes”.

⁹³ *Jornal diário fundado em 1919, de tendência anarcossindicalista, e porta-voz da Confederação Geral do Trabalho (CGT) portuguesa.*

⁹⁴ quotidiano] *em modernismo.pt*: “perturbado”.

⁹⁵ orientou] *em modernismo.pt*: “orienta”.

⁹⁶ o seu espirito philosophico] *em modernismo.pt*: “a sua expressão filosófica”.

⁹⁷ do artigo] *em modernismo.pt*: “do seu artigo”.

⁹⁸ porém [↑ quanto] *variantes alternativas*.

⁹⁹ <servindo-me> [↑ servindo-me]

¹⁰⁰ <julgo> <juro> [↑ supponho] *em modernismo.pt*: “supondo”.

a ella e a v.¹⁰¹, seu director. Não foi estabelecida – salvo erro ou omissão, como se diz nas facturas¹⁰² – para fins de polemica¹⁰³, nem para que nella se exemplifique, *in anima vili* dos proprios collaboradores, o estylo litterario que fez a fortuna¹⁰⁴ moral do *Mundo*¹⁰⁵ nos saudosos tempos d’aquella propaganda cujos pomos um pouco mais explosivos que se fossem de oiro, estamos desmantelando.¹⁰⁶

Assim, apparando nas paginas da sua revista um artigo da especie a que me refiro, tão¹⁰⁷ manifestamente contrario á indole, não só de uma revista litteraria, senão também de um jornal decente, e não podendo haver¹⁰⁸ duvidas sobre a quanto¹⁰⁹ lhe é contrario, porque é um [69:] flagrante, do estylo e da expressão¹¹⁰, que não de idéas subtilmente insinuadas, ou de intenções veladas pela ironia, força é que se conceda que a revista faz suas as affirmações do artigo, pelo facto simples de publical-o, e assim entendem oppôr ao estudo, que publiquei no numero antecedente¹¹¹, numa especie de retractação¹¹² official, ou desaggravo da redacção perante o publico.

¹⁰¹ ella e [↑ a] v.

¹⁰² *Este inciso está sobre um longo traço cruzado, indicando hesitação.*

¹⁰³ polemica] *em modernismo.pt*: “falência”.

¹⁰⁴ fortuna] *em modernismo.pt*: “feitura”.

¹⁰⁵ <jornal o> *Mundo*] *em modernismo.pt*: “defendido”.

¹⁰⁶ cujos pomos de oiro estamos todos, <colhendo> que *sigam as artes, colhendo. [↑ um pouco mais explosivos que se fossem de oiro, estamos desmantelando.] *em modernismo.pt* (*sem pensar nos pomos de oiro das Hespérides*): “cujas pessoas de ciso estas todas /um pouco mais capazes de o fazer\, que sejam os autores, colaborando / de isso estarmos directamente colaborando\”.

¹⁰⁷ <força é que con> [↑ tão]

¹⁰⁸ <não ha senão *que *uma> [↑ e não podendo haver]

¹⁰⁹ <quanto ao> [↑ sobre] a quanto

¹¹⁰ linguagem [↑ linguagem] *variantes alternativas*.

¹¹¹ anterior [↑ cedente] *variantes alternativas*; “cedente” está apenas sobre “rior”.

¹¹² retractação ou *retracto*

Só vê v., meu querido José Pacheco, que não é por um excesso absurdo¹¹³ de cortejo que lhe fiz o elogio¹¹⁴, justo¹¹⁵ de ter ganho¹¹⁶ a coroa *de cives servatos*¹¹⁷, e de ter¹¹⁸ bem merecido da nação.¹¹⁹

*

Eu sou, como v. sabe, uma creatura tímida;¹²⁰ é um¹²¹ outro dos defeitos¹²² que costuma inherir aos que padecem de raciocinar¹²³. E, se ocasião houve em¹²⁴ que sentisse¹²⁵ ou não¹²⁶ a hesitação dos tímidos, é esta, em¹²⁷ que não sei se o louve, ou se o culpe, da sua altiva¹²⁸ attitude.

[70^o]

Nos nossos tempos de *Orpheu*, v., é claro, não a tomaria. Isso, porém, não importa para o caso, e adianta menos que pouco. As camaradagens extintas teem, provavelmente¹²⁹, a consistencia e o valor dos amigos dignos e firmes¹³⁰, que bem podem aparecer¹³¹ metaphoricamente nestas¹³² circunstancias solemnes¹³³.

¹¹³ absurdo] *em modernismo.pt*: “obsceno”.

¹¹⁴ fiz o elogio] *em modernismo.pt*: “fiz elogio”.

¹¹⁵ <que v. absolutamente merece> [↑ justo]

¹¹⁶ <merecido> [↑ ganho]

¹¹⁷ de cives servatos] *sublinhado*; *em modernismo.pt*: “de cives senador”.

¹¹⁸ [↑ (e)] de ter] *com hesitação no “e” inicial*.

¹¹⁹ *Seguem duas linhas riscadas*: “É certo que teria sido mais simples”, “É certo que v. poderia ter”.

¹²⁰ tímida;] *em modernismo.pt* “tímida,”.

¹²¹ <um> [↑ um]

¹²² <dos defeitos vulgares> dos defeitos

¹²³ <racio> [↑ que padecem] de raciocinar

¹²⁴ ocasião houve em] *em modernismo.pt*: “ordem houvesse com”.

¹²⁵ <me> sentisse

¹²⁶ não] *em modernismo.pt*: “convir”.

¹²⁷ em] *em modernismo.pt*: “a”.

¹²⁸ altiva] *em modernismo.pt*: “ulterior”.

¹²⁹ provavelmente] *em modernismo.pt*: “pessoalmente”.

¹³⁰ dos amigos dignos e firmes] *em modernismo.pt*: “das razões depois e fins”.

¹³¹ que [↑ costumam {↑ bem podem} aparecer] *em modernismo.pt*, a *vairiante foi lida*: “bem cabem”.

¹³² <os> nestas

¹³³ solemnes] *em modernismo.pt*: “observar”.

Pensando bem, eu creio que v. não fez¹³⁴ mal. Creio, mesmo¹³⁵, que a visão clínica¹³⁶ do caso veria no seu gesto crítico um regresso á saúde, porque uma tendencia nitida para a adaptação ao meio. Como, porém, tenho enraizada na memoria uma visão de v. como camarada do¹³⁷ *Orpheu* e de outras proscricções semelhantes, custa-me um pouco a conciliar a idéa de v. com a do meio academico e official¹³⁸, a que v. se está adaptando. Acostumar-me-hei, naturalmente, como os olhos se acostumam á escuridão. Não veja v. meu amigo mais que o justo¹³⁹: a negrura é accidental.

Perco-me no sonho conjectural do futuro para¹⁴⁰ que v. já caminha. E se como¹⁴¹ antigo camarada¹⁴² o exalto, como amigo de sempre¹⁴³ louvo-o. Vejo-o já considerando o nosso pobre *Orpheu* como um erro da mocidade e um peccado que se expiou. Preferia que v. tivesse escolhido, para começo¹⁴⁴ da expiação, outro assumpto¹⁴⁵ que não [71^r] o meu artigo sobre Antonio Botto¹⁴⁶; mas por tão pouco não nos zangaremos¹⁴⁷.

Perco a noção do seu presente e até do meu, na visão do futuro do que se approxima.¹⁴⁸ E como esse futuro não vem longe – nem deve vir para não morrerem os homenageados nelle – tomo já posições, um pouco indecorosamente, a esse respeito.

¹³⁴ fez] *em modernismo.pt*: “faz”.

¹³⁵ mesmo] *em modernismo.pt*: “mais”.

¹³⁶ clinica] *em modernismo.pt*: “clássica”.

¹³⁷ do ou de

¹³⁸ official] *em modernismo.pt*: “difícil”.

¹³⁹ o justo] *em modernismo.pt*: “a justeza”.

¹⁴⁰ <que v. *ca> [↑ para]

¹⁴¹ E se <e> como] *em modernismo.pt*: “E como”.

¹⁴² camarada <e>

¹⁴³ sempre <e>

¹⁴⁴ para começo] *em modernismo.pt*: “Por causa”.

¹⁴⁵ assumpto] *em modernismo.pt*: “argumento”.

¹⁴⁶ o <do meu> meu artigo [↑ sobre Antonio Botto]

¹⁴⁷ zangaremos ou zangamos

¹⁴⁸ Perco a noção do seu presente e até do meu, na visão do futuro [↑ do] que <se lhe approxima> [↑ se approxima.] *em modernismo.pt*: “Perco a noção do ver quanto se afasta de mim na visão do futuro que se aproxima” (*e falta a frase seguinte, manuscrita na vertical, na margem esquerda*).

A sua reconciliação com a sociedade será¹⁴⁹ completa quando chegar a hora em que a *Contemporanea* seja dedicada¹⁵⁰ exclusivamente ao¹⁵¹ louvor do snr. Julio Dantas e do snr. Augusto de Castro e do snr. Affonso Lopes Vieira.¹⁵²

Quando chegar essa hora redemptora¹⁵³ (é aqui que tomo posições)¹⁵⁴, peço-lhe que se não esqueça de mim para panegyrista. Ninguém¹⁵⁵ melhor que eu pode servir, porque poucos terão tão escasso¹⁵⁶ conhecimento¹⁵⁷ da obra d'aquelles senhores.

E se a sua adaptação ao meio vae attingir o grau apothetico¹⁵⁸ da canonização critica dos snrs.¹⁵⁹ Adães Bermudes, Simões Almeida Sobrinho¹⁶⁰ □ os *doutos *senhores¹⁶¹ que vão os visuaes atacar, então insisto absolutamente pelo cargo de elogiador¹⁶². Quero também ser portuguez; não renuncio¹⁶³ ao meu direito de qualquer dia¹⁶⁴ ser critico como um¹⁶⁵ portuguez o é. E v. sabe que para o caso estou nas condições inteiramente¹⁶⁶. Nada vi d'esses senhores, e, como¹⁶⁷ v. sabe, sou

¹⁴⁹ <será> [↑ com] a sociedade será

¹⁵⁰ dedicada] *em modernismo.pt*: “descendente”.

¹⁵¹ ao] *em modernismo.pt*: “no”.

¹⁵² quando chegar a hora <*de *em o † elogiar o snr † Julio Dantas> [↑ em que a *Contemporanea* seja dedicada exclusivamente ao louvor do snr. Julio Dantas] e do snr. Augusto de Castro <e d<o>/e\<snr> todos outros equivalentes litterarios> [↑ e do snr. Affonso Lopes Vieira].

¹⁵³ Quando [↑ chegar] essa hora redemptora

¹⁵⁴ [↑ (é aqui que tomo posições)] *acrescento em letra mais pequena*.

¹⁵⁵ Ninguém] *em modernismo.pt*: “Mas quem”.

¹⁵⁶ pouco [↑ escasso] *variantes alternativas*.

¹⁵⁷ conhecimento] *em modernismo.pt*: “contentamento”.

¹⁵⁸ apothetico] *em modernismo.pt*: “adaptativo”.

¹⁵⁹ dos snrs.] *em modernismo.pt*: “do sr.”.

¹⁶⁰ Simões Almeida Sobrinho] *em modernismo.pt*: “pois dele podem”.

¹⁶¹ os *doutos *senhores] *leitura conjectural; em modernismo.pt*: “os Dantas saber”.

¹⁶² então insisto absolutamente pelo cargo de elogiador] *em modernismo.pt*: “enquanto injusto absoluto pelo prazer de elogiar”.

¹⁶³ <quero> não renuncio] *em modernismo.pt*: “não renunciar”.

¹⁶⁴ dia] *esta palavra falta em modernismo.pt*.

¹⁶⁵ um] *em modernismo.pt*: “o”.

¹⁶⁶ inteiramente] *em modernismo.pt*: “bastante”.

¹⁶⁷ <se> [↑ <*sou>] como

inteiramente incompetente¹⁶⁸ para perceber exposições¹⁶⁹ de pintura, escultura ou architectura¹⁷⁰. Porisso¹⁷¹ quando¹⁷² o dia chegar, não se esqueça você de mim!¹⁷³

[72^r]

*174

Tencionava dar-lhe para a *Contemporanea*, em seguida ao artigo sobre Antonio Botto, um ou outro artigo¹⁷⁵ da mesma especie, sendo o primeiro um elogio – todo viciado¹⁷⁶, é certo, pelo facto de ser raciocinado e não dogmatico – sobre o mestre Camillo Pessanha. Abstenho-me¹⁷⁷. Está v. livre, meu q[uerido] José Pacheco, do risco que correu. Mal disse que ia escrever esse artigo elogioso sobre o¹⁷⁸ Camillo Pessanha, me vieram pedir que o não fizesse. A esses meus detractores objectei que Camillo Pessanha não era da minha idade, e que podia portanto elogial-o sem que alguém se offendesse. Responderam-me que não: que, se não era da minha idade quanto á vida, o era todavia¹⁷⁹ quanto á data da publicação do seu livro, e pela natureza da arte que practica. Calei-me, porque a replica me convenceu. O raciocinador, quando raciocina mal, rende-se com respeito a quem raciocina bem.

[73^r]

Não ha só isto. Entre a collaboração, que pensado¹⁸⁰ imprudentemente eu dar-lhe para a *Contemporanea*, havia um artigo

¹⁶⁸ sou inteiramente incompetente] *em modernismo.pt*: “sem instinto compatível”.

¹⁶⁹ para perceber exposições] *em modernismo.pt*: “que pelo †”.

¹⁷⁰ de pintura, escultura ou architectura] *em modernismo.pt*: “de primitiva, completa ou complexa”.

¹⁷¹ Porisso] *em modernismo.pt*: “Poesia”.

¹⁷² [← Porisso] Quando

¹⁷³ <*Vigile v. *se não se esquece de mim.> [↑ Quando o dia chegar, não se esqueça você de mim!]

¹⁷⁴ *Página numerada, ao alto e ao centro, com o número 12, tal como uma outra, contendo uma primeira versão, e em que o mesmo número, o 12, foi riscado (cf. Anexo, 1143-9).*

¹⁷⁵ <algum artigo> um ou outro artigo

¹⁷⁶ viciado] *em modernismo.pt*: “vincado”.

¹⁷⁷ Abstenho-me] *em modernismo.pt*: “Atenho-me”.

¹⁷⁸ sobre (o)] *com hesitação parentética*.

¹⁷⁹ comtudo [↑ todavia] *variantes alternativas*.

¹⁸⁰ pensei [↑ pensado] *variantes alternativas*.

pelo qual¹⁸¹, na mera antecipação de escrevel-o, eu sentia dentro de mim um carinho do espirito. Era um artigo sobre o Mario de Sá-Carneiro – um estudo um pouco longo, mas um estudo (creio) de justiça, se bem que não sem ternura, porque mesmo nós os racionadores, que somos convidados onde nos recebem mal e proscriptos de onde nos pediram¹⁸² que fossemos, temos estes movimentos¹⁸³ de amizade¹⁸⁴ e de recordação que os outros mortaes julgam ser-lhes peculiares.

A bom tempo veio, meu querido José Pacheco, a sua attitude para comigo e para com os desgraçados a quem faço a injuria publica de elogiar. Publicando o meu artigo sobre o Mario – publicando¹⁸⁵, digo, na sua revista¹⁸⁶ no seu numero seguinte, e ao banzar á opinião vulgar¹⁸⁷ –, viria o inevitavel Alvaro Maia da ocasião, e esse veria¹⁸⁸, atravez de elogios á minha intelligencia e á minha cultura, a conspurcação systematica do grande artista que eu teria elogiado. Isso não, isso nunca, meu querido José Pacheco. Que a-[74r]conteça aos vivos, não está bem, porém¹⁸⁹ é aos vivos que acontece. Dos mortos, posso ainda com o nosso grande Cesario¹⁹⁰:

Nós absortos,
[Temos ainda o culto pelos Mortos,]
[Esses ausentes que não voltam] nunca!¹⁹¹

É uma hypothese, diz-me você, uma cousa que não aconteceria.¹⁹²

¹⁸¹ em que [↑ pela qual] *variantes alternativas*.

¹⁸² pediram] *em modernismo.pt*: “pediriam”.

¹⁸³ movimentos] *em modernismo.pt*: “momentos”.

¹⁸⁴ amizade] *em modernismo.pt*: “comoção”.

¹⁸⁵ Mario, – <o numero seguinte> e publicando

¹⁸⁶ revista<_>

¹⁸⁷ e ao banzar á opinião vulgar] *em modernismo.pt*: “e ao longe à opinião vulgar”.

¹⁸⁸ e esse <veria conspurcado e> veria

¹⁸⁹ <aos> [↑ porém]

¹⁹⁰ o nosso grande Cesario] *em modernismo.pt*: “o meu ††”.

¹⁹¹ Pessoa citou apenas três palavras do poema “Nós” de Cesário Verde. Acrescentamos as restantes e o signo de exclamação final. Os versos não foram lidos *em modernismo.pt*. Inicialmente o trecho terminava neste ponto.

¹⁹² Frase acrescentada sobre um asterisco divisório e seguida de duas passagens riscadas: (1) Mas, quando, segundo as tradições <actuaes> [↑ actuaes] da sua revista, tivesse acontecido, qual seria a sua explicação? Porque não o obriga v. a ter que

*

E porque não aconteceria? No artigo de Alvaro Maia insulta-se¹⁹³ pessoalmente, sem rosto¹⁹⁴ nem razão, Antonio Botto, que é um collaborador, a pedido de v., da sua revista, isto é, um convidado seu a sua casa¹⁹⁵. Se neste caso v. tem esquecimentos, quantos não poderá v. ter para com os mortos, que, como todos sabem, costumam esquecer depressa? De mais a mais, já v. publicou, na propria *Contemporanea*, versos do Mario de Sá-Carneiro. Ora, como o ser collaborador da sua revista é uma das condições¹⁹⁶ para se ser insultado nella, parece-me que tenho¹⁹⁷ boa razão para ter receios.¹⁹⁸

[75']

*

Não me queixo de Alvaro Maia, nem do que ele diz. Queixo-me, sim, e amargamente, do symbolo que elle é. Queixo-me de elle não ser elle, de elle ser symbolo. Queixo-me de elle não existir.

É a voz de tudo quanto, não podendo, nega; não fazendo, desdenha; não caminhando, obstrue. Preferia que fôsse outro, que não Alvaro Maia, cuja amizade muito prézo, o symbolo vivo d'esta attitude. Foi elle, porém, que se escolheu a si-proprio. Aceito-o por o que elle me diz que é. Faço-lhe, porisso, a justiça de o não crer¹⁹⁹ identico a si-mesmo²⁰⁰.

descobril-a.; (2) E porque não? O insultado [↑ <por argumentos>] no artigo da 4a *Contemporanea* é collaborador da sua revista, e o dever da revista para com elle é da cortezia mais elementar que ha. Se a *Contemporanea* é falha nestas coisas minimas da cortezia, qual é *gente a que não seja falha nas outras?.

¹⁹³ insulta-se] em *modernismo.pt*: “insultando-o”.

¹⁹⁴ rosto] em *modernismo.pt*: “resto”.

¹⁹⁵ [↑ isto é, um convidado seu a sua casa] em *modernismo.pt*: “isto é, um convidado em sua casa”.

¹⁹⁶ uma das condições] em *modernismo.pt*: “um dos critérios”.

¹⁹⁷ <estou> tenho] em *modernismo.pt*: “tenha”.

¹⁹⁸ para [← <não> ter receios.] em *modernismo.pt* “para {...}”.

¹⁹⁹ crer] em *modernismo.pt*: “ver”.

²⁰⁰ elle-mesmo [identico a si-mesmo] *variantes alternativas*.

Propriamente o symbolo não²⁰¹ está só nelle, mas²⁰² nelle publicado; e nelle²⁰³ publicado na *Contemporanea*. Fez v. o scenario do symbolo, que elle figura. Já sabemos qual é o símbolo; resta saber o que vale a figuração.²⁰⁴

*

[76^r]

O meu artigo *Antonio Botto e o I[deal] E[sthetic] em [Portugal]* compõe-se de dois elementos: a demonstração do que seja o ideal, dos ideaes que ha, e do que seja aquelle a que a designação²⁰⁵ esthetic distinctamente compete; a demonstração²⁰⁶ de que o livro *Canções*, de Antonio Botto, se conforma com os caracteristicos²⁰⁷ d’este ideal.

Qualquer contraversão da minha these força é pois que tenha²⁰⁸ uma de 3 fórmãs: ou a prova²⁰⁹ de que é falsa²¹⁰ a minha determinação²¹¹, o que se fará pela refutação da estructura logica em que apoiei essa determinação; ou a prova de que é falsa a minha applicação d’essa these ao livro de Antonio Botto; ou ambas as cousas, junctas.

Poder-me-ha dizer qualquer leitor do artigo de Alvaro [77^r] Maia a qual destas especies de refutação – ficticia embora – esse artigo pertence?

Alvaro Maia não refuta a minha these fundamental sobre os ideaes, e, derivadamente²¹², sobre o esthetic. Começa a argumentação com que não me responde por esta phrase inachavel: _____.²¹³ Isto

²⁰¹ não] *em modernismo.pt*: “onde”.

²⁰² mas] *em modernismo.pt*: “era”.

²⁰³ <mas> [↑ e] nelle] *em modernismo.pt*: “nele”.

²⁰⁴ <E que symbolo é esse e o que vale?> [↑ Já sabemos qual é o símbolo; resta saber o que vale a figuração.]

²⁰⁵ designação] *em modernismo.pt*: “definição”.

²⁰⁶ a <applicação d> [↑ demonstração]

²⁰⁷ attributos [↑ caracteristicos] *variantes alternativas*.

²⁰⁸ <↑> [↑ tenha]

²⁰⁹ demonstração [↑ prova] *variantes alternativas*.

²¹⁰ falso<o/>a\] *segue um segmento riscado*: <ou a minha definição do ideal, ou a minha divisão dos ideaes, de qualquer modo, a minha d>.

²¹¹ analyse [↑ determinação] *variantes alternativas*.

²¹² derivadamente] *em modernismo.pt*: “devidamente”.

²¹³ Cf. “Pondo de parte tudo quanto no seu artigo nos diz sobre os critérios de imperfeição e o ideal helénico – mero apontado de coisas boas e más, que para o caso não passa de simples farelório – [...]”.

que elle “põe de parte” é todo o meu artigo, ou antes²¹⁴ toda a base d’elle; o que o meu contradictor²¹⁵ toma por fundamento da sua resposta é um mero episodio, aliás dispensavel, da minha demonstração.

Se Alvaro Maia não combate, poisque²¹⁶ que nem discute, a minha these fundamental, claro é que não pode discutir a sua applicação ao caso das *Canções*. Não acceita, nem deixa de acceitar, a minha these; trata-a como se não existisse, e assim não pode examinar – e de facto não [78^o] examina – se essa these se applica ou não ao livro de Antonio Botto.

E, se não faz a²¹⁷ refutação, nem a tenta, seja²¹⁸ por uma prova²¹⁹, seja por outra, resulta que também a não faz, nem a tenta²²⁰, por ambos junctos, porque dois zeros sommam²²¹ nada.

Que faz então Alvaro Maia nas suas paginas em que não se cala? Faz isto²²², que é simples e em verdade revelador²²³ d’aquella disposição nacional de que elle se offerece para²²⁴ symbolo: attaca²²⁵ o meu artigo sem lhe responder; e insulta o artista de quem fallo²²⁶, a propósito de attacar o artigo.²²⁷

Embora não responda, porém, alguma²²⁸ cousa ha de dizer. Percorrendo cuidadosamente os meandros da sua prosa forte²²⁹ e confusa, consegue-se destrinçar cinco affirmações: (1) o livro *Canções* não presta como obra de arte; (2) o livro *Canções* é [79^o] immoral; (3) affirmação

²¹⁴ Que não <ou antes>

²¹⁵ contradictor] *em modernismo.pt*: “contendor”.

²¹⁶ poisque] *em modernismo.pt*: “pois”.

²¹⁷ <faz uma> faz a

²¹⁸ quer [↑ seja] *variantes alternativas*.

²¹⁹ prova] *em modernismo.pt*: “forma”.

²²⁰ fez, nem a tentou] *em modernismo.pt*: “fazia ou tentou”.

²²¹ <não> sommam] *em modernismo.pt*: “soma”.

²²² Faz [↑ Isto]

²²³ <symbolo> [↑ revelador]

²²⁴ [↑ para]

²²⁵ <*me> [↑ ataca]

²²⁶ assumpto do meu artigo [↑ artista de <que trata o> quem fallo]

²²⁷ <*este> [↑ o artigo].

²²⁸ <Alg> Embora não responda, porém, alguma

²²⁹ forte *ou* farta

que o amor unissexual era a²³⁰ essencia do ideal esthetico; (4) escrevi um artigo que é moralmente uma porcaria, (5) sou um romantico, □²³¹

Se respondo, já depois de ter respondido, a Alvaro Maia é pela condenação que me merece a sua insistencia neste quintuplo ataque. Essa insistencia é no erro. Seria difficil escrever tão extenso artigo para fazer afirmações que nem por acaso laboram na verdade.²³²

O livro *Canções*, diz Alvaro Maia, não vale nada como obra de arte. Porquê? Alvaro Maia não o diz. Diz que não vale nada. Para tanto é pouco.²³³ Esta socialização da infallibilidade papal²³⁴, tão peculiar nos catholicos, não tem ainda direito de cidade nas cousas do raciocinio. Responde-se afirmando o contrario.

[80^r] Ha uma cousa, ainda;²³⁵ a acrescentar. Além do symbolo moral que é, Alvaro Maia é um symbolo universal. *Ora é certo quando se procura uma verdade ou se *defende uma *logica, segue-se *pela *pista, irremediavelmente e sempre no mesmo tom.²³⁶

Era excusada a invocação *linear²³⁷ do deus dos papistas para Alvaro Maia se denotar sectario da Igreja²³⁸ Romana. O tom insultuoso do artigo, a substit[uição]²³⁹ da afirmação dogmatica á demonstração,

²³⁰ <um> [↑ a]

²³¹ *Segue um segmento riscado, dentro de hesitação parentética*: <[sendo essa a razão dos 2 desvios mentaes]>.

²³² <[Não invocarei o deus dos papistas, pedindo-lhe perdão, ao fingir ser necessario responder a isto, collocarei porém a Athena> [↑ Se respondo, já depois de ter respondido, a Alvaro Maia é <porque> {↑ pel} a condenação que me merece a sua insistencia neste quintuplo ataque. Essa insistencia é no erro. Seria difficil escrever tão extenso artigo para fazer afirmações que nem por acaso laboram na verdade.] *em modernismo.pt*: “[*Se respondo já depois de ter respondido, a Álvaro Maia é que a condenação que me crêem a sua mostra-se neste quintuplo ataque. Essa mostra é um erro. Mais difficil merece tal conclusão o artigo que faz afirmação que me cumpre crer laborar em verdade.*]”.

²³³ [↓ Diz que não vale nada. Para tanto é pouco.]

²³⁴ infallibilidade papal] *em modernismo.pt*: “*impossibilidade porque*”.

²³⁵ ainda;] *em modernismo.pt*: “*ainda,*”.

²³⁶ *Leitura conjectural. Em modernismo.pt*: “*Isto é certo quando se procura uma verdade ou se infere com beleza, segue-se pelo facto, inevitavelmente sempre no mesmo tom*”.

²³⁷ *Leitura conjectural. Em modernismo.pt*: “*luminosa*”.

²³⁸ <Religião> [↑ Igreja]

²³⁹ a <††> substituto

a exaggerada intrusão²⁴⁰ da moral e da autoridade²⁴¹ em materias²⁴² onde não teem cabimento²⁴³ são os signaes²⁴⁴ quasi necessarios do temperamento catholico. Como não o seriam?²⁴⁵ Uma religião que no seu apogeu produz inquisidores, bem pode produzir insultadores no seu perigeu²⁴⁶. E se tanto não bastasse, haveria a considerar que nenhuma outra mentalidade tão naturalmente se projecta na intolerancia²⁴⁷, no²⁴⁸ odio á arte e á belleza²⁴⁹, na²⁵⁰ ausencia de espirito christão, na²⁵¹ pressa em julgar e em condemnar, no²⁵² impulso em fazer²⁵³ tudo quanto exprobra²⁵⁴ a voz dos evangelistas²⁵⁵ e amaldiçoa o exemplo de Christo.

O Catholicismo tem varios aspectos²⁵⁶, porém nenhum tão odioso²⁵⁷ como o seu aspecto²⁵⁸ moralizador.²⁵⁹

²⁴⁰ intrusão] *em modernismo.pt*: “alteração”.

²⁴¹ autoridade] *em modernismo.pt*: “atitude”.

²⁴² materias] *em modernismo.pt*: “notes”.

²⁴³ são chamadas [↑ teem cabimento] *variantes alternativas*.

²⁴⁴ onde não são chamadas [↑ teem cabimento] são os signaes] *em modernismo.pt*: “onde a ser chamados são os originais”.

²⁴⁵ <E quando não?> [↑ Como não o seriam?] *em modernismo.pt*: “Como não o seriam?”.

²⁴⁶ no seu perigeu] *em modernismo.pt*: “e sem perigos”.

²⁴⁷ projecta na intolerancia] *em modernismo.pt*: “pregunta na interligação”.

²⁴⁸ o [↑ no]

²⁴⁹ e [↑ á] belleza

²⁵⁰ a [↑ na]

²⁵¹ a [↑ na]

²⁵² o [↑ no]

²⁵³ fazer] *em modernismo.pt*: “que”.

²⁵⁴ exprobra] *em modernismo.pt*: “explora”.

²⁵⁵ dos evangelistas] *em modernismo.pt*: “do evangelista”.

²⁵⁶ varios aspectos] *em modernismo.pt*: “várias imposturas”.

²⁵⁷ nenhum tão odioso] *em modernismo.pt*: “nenhuma tão odiosa”.

²⁵⁸ aspecto] *em modernismo.pt*: “argumento”.

²⁵⁹ moralizador<,>/. \<ahi absolutamente contrario á sua tradição...>

É o protestantismo catholico – o assim chrimado²⁶⁰ de todos, porque nem sequer tem uma²⁶¹ tradição antiga ou *absoluta e com a mesma *voz, a eterna voz catholica.²⁶²

[80^r]

A apologetica²⁶³ tradicional da religião christã era – em poucas palavras –²⁶⁴ que esta era²⁶⁵ a verdade e porisso a salvação²⁶⁶, não porque fosse a moral²⁶⁷ ou uma mais moral que as outras²⁶⁸. Assim é que e que o padre Aquino²⁶⁹

E a asserção, sobrevive, ironica já e usada contrariamente²⁷⁰, no passo celebre do Boccaccio²⁷¹, do judeu que se converte ao Christianismo²⁷² porque decerto era verdadeira²⁷³ uma religião²⁷⁴ que conseguia persistir apesar de ensinada²⁷⁵ por uma curia tão corrupta e tão ignobeis sacerdotes.²⁷⁶

[14^l-61^r a 80^r]

Vinte tiras de papel com marca-d'água UNITED SERVICE BOND, manuscritas a tinta preta apenas no rosto, salvo alguns apontamentos lacunares ou riscados: No primeiro caso fui anti-social, no segundo □ (14^l-

²⁶⁰ chrimado] *em modernismo.pt*: “classificado”.

²⁶¹ uma] *em modernismo.pt*: “como”.

²⁶² tradição antiga ou *absoluta e com a mesma *voz, a *eterna <*Egreja> [↑ *voz] catholica.] *leitura conjectural; em modernismo.pt*: “tradição antiga a absurda e como a sua voz, a eterna igreja católic”.

²⁶³ defeza [↑ apologética] *variantes alternativas*.

²⁶⁴ [↑ – em poucas palavras –]

²⁶⁵ porque [↑ que esta] era

²⁶⁶ e [↑ porisso] a salvação

²⁶⁷ não porque fosse a moral] *em modernismo.pt*: “isso porque fora a moral”.

²⁶⁸ [↑ ou uma mais moral que as outras] *em modernismo.pt*: “Um uso mais moral que os cristãos”.

²⁶⁹ [↑ e que o padre Aquino] *em modernismo.pt*: “e o que perde depois”.

²⁷⁰ contrariamente] *em modernismo.pt*: “constantemente”.

²⁷¹ no passo celebre do Boccaccio] *em modernismo.pt*: “no poema citado de †”.

²⁷² ao Christianismo] *em modernismo.pt*: “no cristão”.

²⁷³ era verdadeira] *em modernismo.pt*: “na verdade”.

²⁷⁴ uma religião] *em modernismo.pt*: “em religião”.

²⁷⁵ conseguia persistir apesar de <suportada> [↑ ensinada] *em modernismo.pt*: “consegue † agir e da ensinada”.

²⁷⁶ por taes sacerdotes. [↓ por uma curia tão corrupta e tão ignobeis sacerdotes.] *em modernismo.pt*: “por uma busca é composta de tão ignóbeis sacerdotes”. Pessoa refere-se à segunda novela, do primeiro dia do Decameron.

64^v); <Não falharão, nem sequer tardam, as manifestações do partido nacional contra> (14^l-66^v); e <trophes obscenas, de insultos pessoas inequívocos.> (14^l-72^v). Note-se que o último segmento riscado corresponde à última linha da página 114³-9^r, porque esta página teria continuado na 14^l-72^v. As tiras estão numeradas de 2 a 20, a partir da segunda folha. A carta foi publicada com tantas diferenças na página web abreviada em notas (<https://modernismo.pt/index.php/arquivo-fernando-pessoa/details/33/4242>), que não é impossível admitir que esteja parcialmente inédita. Aliás, da carta só se conhecia uma folha solta e abandonada (ver Anexo), publicada em 1996, no volume Correspondência Inédita, na p. 78.

Anexo [114³-9^r e 10^r]

Até agora, meu querido José Pacheco, publiquei na *Contemporanea*, com prazer meu em fazel[-o,] e não sei se algum agrado seu em que eu o fizesse, aparte uns versos intitulados *Mar Portuguez*, uma sátira dialectica, *O Banqueiro Anarchista*, que ninguém²⁷⁷ leu, e o tal estudo curto, *Antonio Botto e o Ideal Esthetico em Portugal*, que só serviu para que, nas proprias paginas da sua revista, o artista, que foi objecto do meu estudo, fôsse insultado em linguagem que tem de ir buscar a si-propria o adjectivo com que se descreva. Creio que a collaboração em verso, ainda que meramente possa agradar, é a mais inoffensiva.²⁷⁸

Nestas condições, hesito no que deva dar-lhe, servo, como sempre, da sua sollicitação, para collaboração futura. Se é materia abstracta, isto é, impessoal, ninguém a lê, e prejuizo a revista. Se é um estudo²⁷⁹ como o que publiquei sobre Antonio Botto, faço ao artista a quem elogio o mau serviço de o tornar alvo, sem que elle, que nada me pediu²⁸⁰, o mereça, de insultos soezes, de apostrophes obscenas, de insultos pessoas inequívocos.

A ironia cansa, José Pacheco, e deixa a alma nua. Escrever neste tom não me custa, mas custa-me ter que escrever nelle. Somos amigos velhos de mais²⁸¹, e camaradas antigos de mais para que nos zanguemos por um artigo. V., pois, reflecta bem que tenho razão. Não sei se o feri

²⁷⁷ ninguém] sobre um traço cortado, indicando hesitação.

²⁷⁸ [↑ Creio que a collaboração em verso, ainda que meramente possa agradar, é a mais inoffensiva.] na margem superior da página, sem sinal de inserção.

²⁷⁹ estudo <>

²⁸⁰ <ao menos pedindo> [↑ que] nada me pediu

²⁸¹ Somos amigos velhos de mais] um pequeno traço cortado na margem esquerda talvez tenha relação com este segmento.

no que vae escripto; se o fiz, v. desculpe-me; o principio da culpa está comsigo²⁸². Não quero que me dê²⁸³ desculpas²⁸⁴, pois a mim não as²⁸⁵ deve. Dê-as²⁸⁶ a quem de direito – ao Antonio Botto –, que é, o que é importante para nós, um nosso amigo, e, o que é importante para muito mais gente, um verdadeiro artista.

Bibliografia

BARRETO, J. Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, N. 2, Outono, 2012, p. 240-270. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z02V2DM3>

BARRETO, J. Fernando Pessoa e os inquéritos literários. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n. 20, Outono, 2021, p. 84-129. Brown Digital Repository. Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/9p99-xf29>

BLANCO, J. *Fernando Pessoa: Esboço de uma Bibliografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

GONÇALVES, Z. Cunha (org). *Notícia do maior escândalo erótico-social do Século XX em Portugal*. Lisboa: Letra Livre, 2014.

PESSOA, F. *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, F. *Correspondência inédita*. Organização e notas de Manuela Parreira da Silva; prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1996.

SOUSA, J. R. de. *Fotobibliografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

²⁸² a culpa [↑ <plena> é] é [↑ toda] sua [↑ o principio da culpa está comsigo]

²⁸³ <E não me> [↑ Não quero que] me <peça> [↑ dê]

²⁸⁴ desculpa[s]

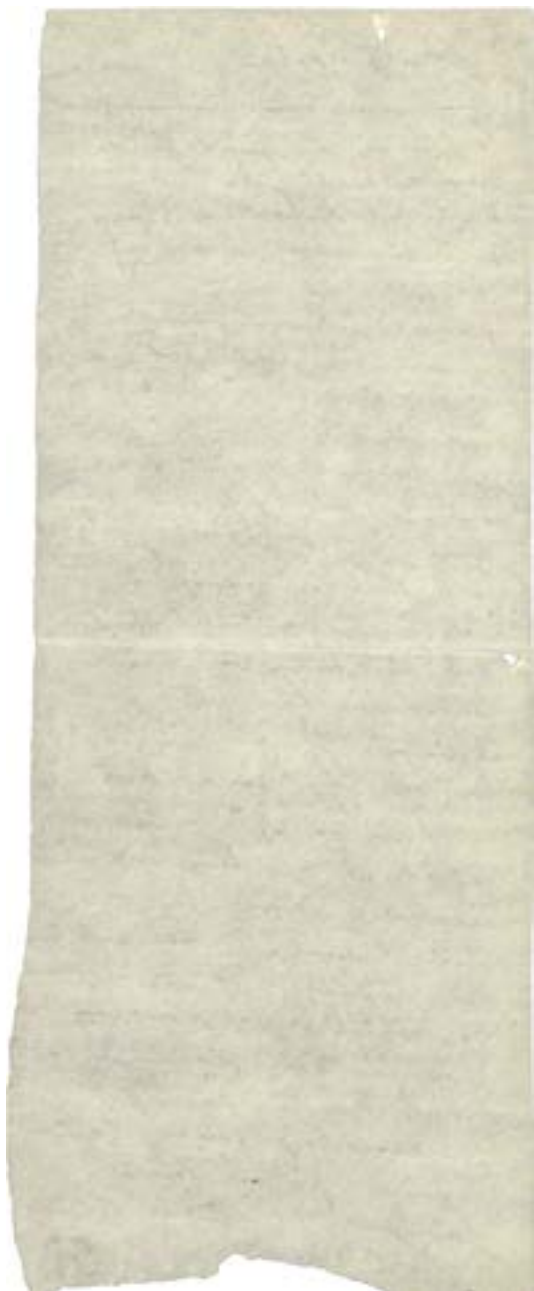
²⁸⁵ a[s]

²⁸⁶ <deve-a> [↑ Dê-as]

"Não tem resposta..."

Caridadi em, meu querido Sr. P.
 Chica, que podia' q'uekas enfim
 menti. pelo menos nos papéis
 de lentequancea, a tradicao
 de critica no nivel. Sua
 padicao e' a da virgim,
 quanto ao sentimento, e
 de mi' boacasa. quanto a
 experiat d'ella. Applicam
 com largura, posui com
 mai' estreita referencia
 trua seu objecto e pe
 soso para em estado de
 nos, semelhante no officio
 inteteri p'ubm e nois
 concorrete (procuras) e
 ammittalidade mental
 de cada um dos jornalistas.

Porém, a alguns, tem
 faltado a esta tradicao
 curiosa. Nunca temo pe
 d'ella Camilla. Em este-
 ja. e sempre. Faltas vi-
 ra d'ella. Sei compoer
 a respicidade commu-
 e depe mter, e se pe
 pe curasap' curasap' em
 fia bem pe em qual
 Ainda em, he intetual e intetual



[14¹-61]

34-62

a esta campanha pueril.
 O velho morto com sua
 dor e o seu canhoto
 morto - os poucos no
 qual. AOS que que com
 seu. De um ateu, sua
 murmur. E' um papel
 de impulso o pouco
 de impulso o pouco
 morto. seu corpo e morto
 morto. impulso impulso
impulso impulso impulso
impulso impulso impulso
 De impulso impulso impulso

Fy out our poor old
 affluence, we do feel
 presumpuous for our work,
 our talk, the unexplored
 as well, in part, a deg-
 eration, for affluence. Good
 De some power for Antone
 Beth, habited, and she,
 talker on some, our her
 words that surprised in
 form, a we are long paths
 e compensados, o as seus
 nacional - patentes, suas
 mas, sua em nicho por
 seu patentes, o similitude em
 lingua, unguis, o sua em
 toda equalit, horta por
 sua, todo, e, illora, sua
 sua. seu seu seu seu seu
 silencio.



[14¹-62]



[14¹-63]

4

Se para estabelecer, a ~~atual~~
 construção, e ~~for~~ ~~estudo~~;
 e se não se resumem ao tempo,
 mas de racionais. E ~~possível~~
 de ~~atual~~, e de ~~contar~~, e de
~~juízo~~, de ~~entender~~ ~~abstrato~~,
 se ~~houve~~ ~~unidade~~
 normalmente ~~descoberto~~ as
~~impulsos~~ e ~~estudo~~ a ~~mito~~
~~apenas~~ de ~~modo~~ ~~relacionado~~ ~~do~~
~~vicinas~~ e ~~mas~~ ~~orientadas~~ a
~~sucessas~~, ~~sem~~ ~~uma~~, ~~ao~~ ~~tempo~~
~~mais~~ ~~uma~~ e ~~ao~~, ~~no~~ ~~para~~
 (diferença ~~de~~ ~~tempo~~ ~~construção~~).
 No, e ~~racionais~~ ~~contar~~ ~~pe~~
~~no~~ ~~para~~ ~~isto~~, ~~que~~ ~~ao~~ ~~conceito~~
~~em~~ ~~tempo~~, ~~para~~, ~~os~~ ~~para~~
~~movido~~ e ~~com~~ ~~estas~~ ~~razões~~
~~desta~~ ~~forma~~, ~~para~~ ~~se~~ ~~entender~~
 de ~~conceitos~~ ~~da~~ ~~forma~~ ~~que~~
 e ~~conceitos~~ ~~a~~ ~~hoje~~ ~~de~~
~~os~~ ~~para~~ ~~razões~~, ~~para~~ ~~o~~
~~opiniões~~ ~~mas~~ ~~de~~ ~~opiniões~~ e ~~de~~
~~prova~~, ~~que~~ ~~ao~~ ~~modo~~ ~~de~~
~~que~~ ~~para~~ ~~de~~ ~~conceitos~~ ~~e~~ ~~abstratos~~
~~quanto~~ ~~a~~ ~~desta~~ ~~forma~~ ~~implicação~~ ~~e~~
~~de~~ ~~opiniões~~ ~~de~~ ~~opiniões~~ ~~e~~ ~~opiniões~~
~~quanto~~ ~~a~~ ~~de~~ ~~conceitos~~ ~~razões~~ ~~de~~
~~para~~ ~~ento~~ ~~de~~ ~~opiniões~~
~~para~~ ~~a~~ ~~incompreensão~~ ~~de~~ ~~mas~~
~~conceitos~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~plano~~ ~~e~~
~~em~~ ~~parte~~ ~~para~~ ~~mas~~ ~~no~~ ~~para~~
~~ou~~, ~~e~~ ~~para~~ ~~em~~ ~~para~~ ~~de~~ ~~de~~
~~para~~ ~~de~~ ~~opiniões~~ e ~~conceitos~~, ~~de~~
~~os~~ ~~conceitos~~ e ~~no~~ ~~conceito~~



[14¹-64]

[14¹-65]

[14¹-66]



[14¹-67]

8

1843

Contra o arto de arto. ^{part.}
 mais liberdade, com o
 respeito de parte - por
 o por oje, em se ^{trata}
 a com o oje de ^{oje}
 liberto em arto. ^{oje}
 unioy a parte em em
 proprias limitas.

E. Contra em resto
 de arto. de liberto, e
 unioy em oje em. em
 tal fe de, tem rest, em
 que em Contra e alla arto.
 de resto. Mas fe liberto.
Arto que a unioy, e a arto
 em liberto - por fe e
 liberto. em parte nelle
 fe liberto, em unioy de
 de fe liberto, e liberto
 liberto fe fe e liberto
 liberto de liberto em
 unioy liberto liberto
 arto liberto de liberto
liberto, liberto liberto
 arto, liberto.

Arto, liberto arto fe
 fe em resto em arto de
 arto e fe em liberto, liberto
liberto manifestamente liberto
 a resto, e de em resto
 liberto, em liberto de liberto
liberto, liberto liberto
liberto liberto em a parte de
 de liberto, liberto de em



[14¹-68]

9

foyt. d'atyl. d' l'esperant,
 po vni d' vlti ablati vi-
 sionis, and vltimof vlti
 pla visioni, foy i' p' n
 loulon pa a vlti foy nax
 et affini d' vlti, pla
 foy nax d' vltimof. a
 omi vltimof affi d' vlti,
 pa foyt p' n nax nax
 vlti, vni d' vlti vltimof
 affi. nax d' vltimof d' n
 vltimof foyt d' vlti.

Si vi v. nax pa foy foyt,
 que nax i' p' vni nax ob-
 vlti d' vlti foyt d' vlti
 d' ~~vlti d' vlti nax nax~~
 d' vlti nax a vni d' vlti
 vlti d' vlti d' vlti nax
 vlti nax.

~~Si vlti d' vlti nax~~
~~vlti d' vlti nax~~

*

Si nax vlti d' vlti, vni
 vlti nax vlti, i' vlti nax
 d' vlti d' vlti nax d' vlti pa
 vlti nax nax nax vlti nax
 d' nax vlti nax d' vlti
 foyt nax pa vlti nax
 vlti nax d' vlti d' vlti
 vlti nax pa vlti nax d' vlti
 vlti nax d' vlti d' vlti nax
 vlti



[14¹-69]



[14¹-70]



[14¹-71]

12

*

Terceramente de la parte de
Contemporanea, en seguida en
 otros de la anterior Parte, algunos
 otros con un otro de
 non equis, mas o punicen
 con otros - tal vicent, i
 etc. pero fides en reuon-
 nar i non equis - tal o
 parte de la Parte. Parte
 de la. Toda v. hira, non de
 San Pedro, de vico que comen.
 Mas non fue en reuon con
 otros algunos de (o) Parte de
 tal, en vico que parte de
 en fion. A non non de
 partes, de parte de Parte
 Parte en la o vico de la, i
 que en parte parte algunos.
 con que algunos en fion de
 fion - en que en que, i
 non en la vico de la parte
 de la, o en ^{de la} parte parte de
 Parte de fion, i en la, i
 parte parte de parte parte
 Parte de. parte de parte de
 reuon. O reuon, i
 parte reuon en, reuon -
 con de la o parte reuon.

45
~~Tejo, de...~~
inquirido

18...

RAJCE



[14¹-73]

44

1874

Conto as seis, e o resto da pouca
 e' a mais por acerto. De
 mais pouco d'isto ha de ser
 do Com.

ao d'isto

8' uma l'p'ha, q' e' a...
 com pa...
~~...~~
~~...~~
~~...~~
~~...~~

X

~~...~~
~~...~~
~~...~~
~~...~~
~~...~~
~~...~~

É porque não aconteceu? Não
 de dia mais muito...
 com mais do que...
 e' um...
 de mais...
 quanto...
 por...
 de...
 com...
 e'...
 com...



[14¹-74]

15

1475

*

Mas me queira de Alvares Reis,
 sem de que elle dy. Queira-me,
 sei, e amozamento, e sy
 Vha se elle e. Queira-me de elle
 sem de elle, de elle me sy abli.
 Queira-me de elle sem de elle.

E a voz de tudo quanto, na
 pedendo, e sy, na foyra,
 de lenda; na caminhando,
 de lenda. Queira-me se foyra,
 se na Alvares Reis, e sy
 amozando me de foyra, e sy
 de lenda de de lenda. Queira-
 me de foyra, que na de lenda e
 de foyra. Queira-me e sy
 e sy de lenda de foyra. Queira-me,
 de lenda, a de lenda de de lenda
 de lenda. [de lenda. e sy]

Queira-me e sy de lenda e
 de lenda, me de lenda de lenda; me de lenda
 de lenda me de lenda. Queira-me e sy
 de lenda de lenda, que de lenda de lenda.
~~de lenda de lenda de lenda de lenda de lenda~~

~~de lenda de lenda~~

*





[14¹-75]

16

14/76

O meu artigo Antônio Pôrto e a
Leção compõe-se de dois elementos
 a demonstração de que se α é irracional,
 de onde se tira, e de que se α é ra-
 cional a α é sempre α e se α é ir-
 racional α é sempre α ; a apresentação
das demonstrações de que se α é ir-
racional, e Antônio Pôrto, a con-
formidade com a ^{teoria} atribuição d'este
valor.

Alguns controversos da análise
 têm feito o que se tem
 uma de 3 partes: ou a de-
 monstração de que se α é irracional
 a unidade de α é irracional
 a unidade de α é irracional, de qual
 quer modo a unidade de a unidade
de α é irracional, e se se faz a
 aplicação da estrutura lógica
 em se aplica uma leitura;
 ou a prova de que se α é irracional
 a unidade aplicar d'uma teoria
 os livros de Antônio Pôrto; ou
 ambos os cursos, junctos.

Pôde-se ver há de já qual-
 quer livro de alguns de alguns



7

1477

Maia a qual d'isto se viu
 de repetição - feita em
 boa - em alto português:

Atenas Maia não se trata
 a mesma coisa fundamental
 sobre o idioma, o, Seriação, e
 o resto etc. Como, a argu-
 mentação, em se não se repete
 por isto porém inachável:

----- . Isto se
 ela "por a parte" e' toda a não
 ditos, e' o mesmo em todo o
 bom de lá; o se o mesmo conteúdo
 tem-se por fundamental. Se em
 repete e' em verso epigramático,
 e' de se repetir, de modo de
 demonstrar.

Se Atenas Maia não com-
 bate, porém não se trata, e' a
 mesma coisa fundamental, e' de
 que não se pode dizer e' a
 expressão de como se chama.
 Não se trata, não se trata de ac-
 cion, e' a mesma coisa, trata-se
 como e' a mesma coisa, e' em se
 pode se chamar - e' de parte e'



[14¹-77]

18. 1479

examinar - e com tudo se
 applica em vob as leis de
 Antonio Botto.

E, a vob foyam foy a
 respeito, em a tudo, foy
 por sua praxe, e ja se sabe,
 quanto se tem a vob - b
 - tanta, por outro parte, foy
 por seus e os mesmos vob.

Com foy entre outros de
 nos seus propozes em se vob
 de tal? ^{de} foy, se e' mudo a
 em vob de ^{em} ^{vob} e' qual
 de foy ^{em} ^{vob} se vob
 se foy ^{em} ^{vob} ^{vob}
 e vob ^{vob} em de vob, e
 com de ^{vob} ^{vob} de vob,
 a foy de ^{vob} ^{vob}

Logo de vob e' vob, foy
 mi, alguma coisa de vob.
 Por vob ^{vob} ^{vob} ^{vob}
 de vob ^{vob} ^{vob} ^{vob}
 de vob, ^{vob} ^{vob} ^{vob}
 com ^{vob} ^{vob} ^{vob}
Com ^{vob} ^{vob} ^{vob}
 de, (2) e Com e'



19 1879

seminar, (3) officina - fe
e hanc antequam an em
omnino p. vna antedicta; (4)
nem an ubi pui novela
luna pascari, (5) ou am
conuicti, ~~causa sua a vna~~

De reposit, p. vna. to
Alm. mian. a sempr
partis, a per vni in pnti
partis de pnti. an
gentis p. a vna a vna
partis de pnti. an
partis de pnti. an
partis de pnti. an
partis de pnti. an
E a' no ois. p. vna pnti.
causa sua p. vna pnti.
p. vna pnti.

O hinc Lamoni, q' abans
mari, ad vna vna cons de
v. ut. Pui? Alans mari
aut a h' lita vna vna
da vna vna pnti, tui
pnti vna vna, an tui
vna vna pnti a vna vna
vna vna vna vna. Repub.
a vna vna vna vna

D' p vna vna vna.
Pui tanto a' pnti





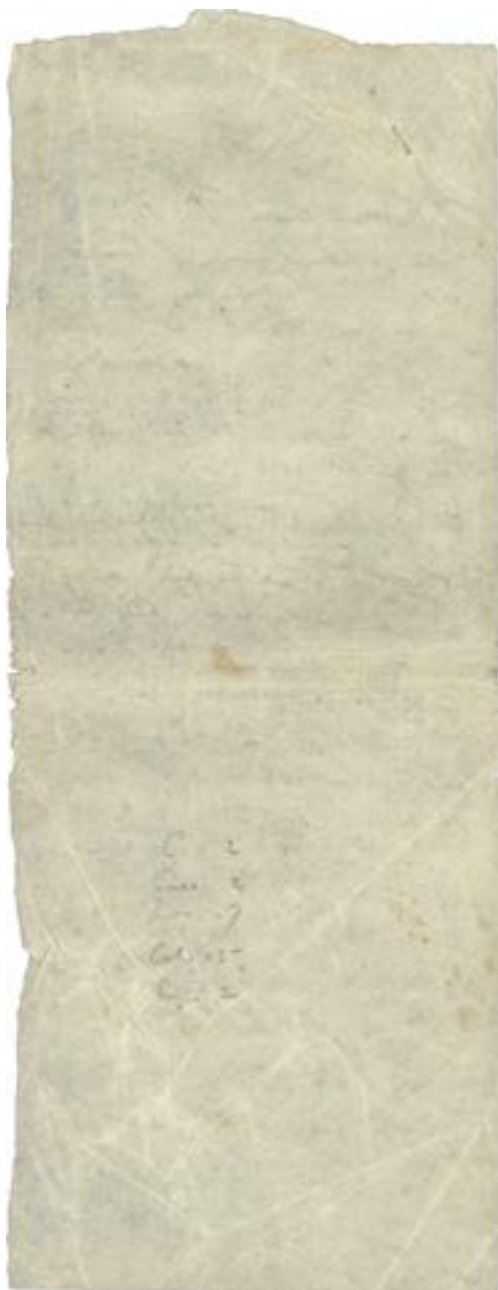
27/30 24/4
 * Carta de
 Este opus, meu querido pai, o
 chamo, publicarei no Contemporaneo.
 Com alguns meus em fôr. Mas sei
 q' a p'ra grande ou em que ou o
 fôr. Apont' nos versos entalhos
Meu Patro, uma eterna dialética,
O Romancista Arribante, que origem
em. e o tal estado inter, Porto
Porto, o liber estético em liber.
 q' a' consci para pa. no proprio
proprio to meu revisita, o artista,
 que foi ajuda de meu estado, fin
unidade em linguagem que tem
de si lucra - a' pp - ajuda
em pa - Invença.
 Notas cartões, honte no pa
das se ta, mas, como supra,
de me revisita, para elaborar
vários factos. Re o material de de
ta, de o imperial, origem a ta,
a propriedade a revisita. de a um
estado - como a pa publicar o
Porto Porto, para as revisita -
quem eligi o meu revisita o
trabalho além, em pa ella, de
seu estado em pa. LIVRO 100
meu. de vários estados, de opu
esta obra, o meu revisita em.

[114³-9]

67/32 11110

Amonda lancey, Loui Pato, e
 breui e abraza vna. Enora
 out leu no an canto, ou outro
 no le po vna vna vlla. Loui
 + ang vto de vno, e comado
 out a vno po po ou vno
 po ou outro. t, po, vllido
 po po vto. No no a
 fou no po ou vno
 t, v. vno po. ^{de vllido}
~~po po po po po po po po~~
 po po - g vno. ^{de vno}
 a a vno - ou vno po
 f. v. vno po po po
 - ou vno, vno po
 po po po po po po
 vllido vno vno





[114³-10]

Data de submissão: 05/05/2022

Data de aprovação: 13/07/2022